

Senado: baixa no PMDB favorece ACM

19 NOV 1996

por César Felício
de Brasília

O senador Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA) ganhou ontem mais uma batalha em sua campanha para presidir o Senado no ano que vem. Depois de Gilberto Miranda (AM) em setembro, foi a vez do senador Ernandes Amorim (RO) deixar o PMDB, igualando na casa as bancadas do PMDB e do PFL, ambas com 22 integrantes. O líder pemedebista, Jader Barbalho (PA), é o principal rival de ACM na disputa do comando da casa, e sustenta a sua pretensão com o argumento de que a presidência deve ficar com a maior bancada.

“Ficarei sem partido até encontrar uma legenda que me permita disputar o governo de Rondônia em 1998”, anunciou ontem da tribuna Amorim, assistido por um ACM visivelmente radiante. A gota d’água para a saída do senador do partido foi a decisão, manifestada anteontem, do governador de Rondônia, Waldir Raupp, em disputar novamente o cargo caso seja aprovada a reeleição.

“Eu assumi compromissos de ficar no PMDB e votar em um candidato do partido para a presidência do Senado, mas estes compromissos agora estão zerados, já que eu esperava ter o comando do partido em Rondônia e percebi que jamais o teria”, afirmou Amorim.

O senador rondoniense não deverá ir para o PFL, por ser adversário local dos outros dois senadores do estado, Odacir Soares e José Bianco, ambos pefeлистas. Ele dá pistas de que o destino mais provável será o PPB de Paulo Maluf. “Com estas eleições, Maluf deu provas de que tem condições totais de disputar a Presidência da República em 1998. O meu nome preferido para a sucessão de Fernando Henrique é o do ex-presidente Fernando Collor, mas como ele está inelegível, o Maluf é um bom nome”, afirmou Amorim.

Baiano de Jaguaquara, Amorim chegou ao Senado em 1994 em meio a um intenso bombardeio de denúncias, envolvendo-o em diversos crimes enquanto foi prefeito de Ariquemes, inclusive narcotráfico. Nada foi provado contra ele, e o apoio que recebeu na época do PMDB foi decisivo para que Amorim trocasse o PDT pela nova legenda poucos meses depois da posse. No Senado, adota um comportamento discreto, notabilizando-se por sempre se queixar da falta de estrutura material dos gabinetes dos senadores.

MERCANTIL
GAZETA